bamboo

arquitetura
urbanismo
interiores
design
arte
lifestyle

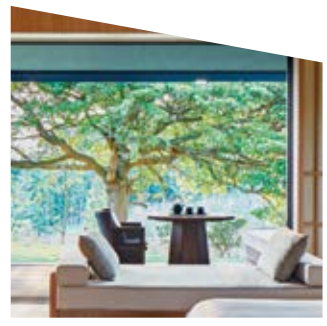
bamboo 56
março 2016
brasil r$ 24,50
issn 2236-1391 56
977 2236 139038

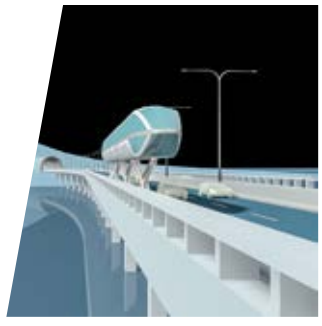
coreografias para o bem comum

os novos movimentos da arquitetura e do design são sociais

dança urbana
mobilidade, por guto indio da costa; saúde e design, por mathieu lehanneur

fluir no campo
integração total nas casas de roberto migotto e do mapa





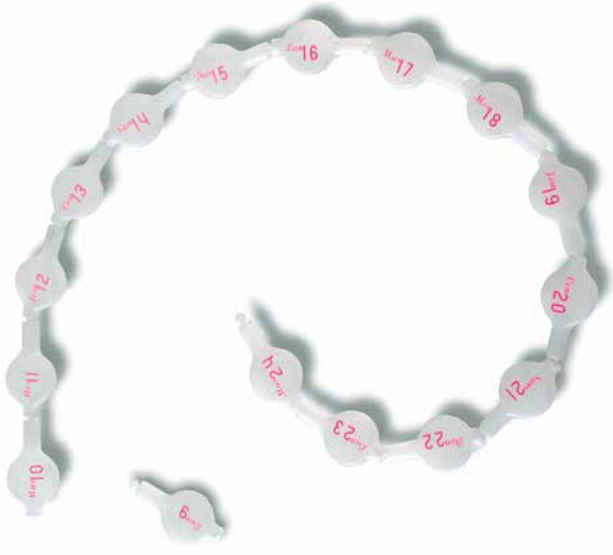
e mais
diébédo francis kéré; mauricio arruda; o melhor de cama e banho

mathieu lehanneur

mil outras funções

saúde e bem-estar são as principais áreas de atuação do designer francês mathieu lehanneur. ***‘temos muitas necessidades e devemos nos interessar por todas elas’***

Texto Livia Debbané
Fotos Felipe Ribon e Véronique Huyghe/ cortesia Studio Mathieu Lehanneur



O designer Mathieu Lehanneur quer se ligar apenas ao presente. Não é nostálgico em relação ao que o design já foi, nem costuma divagar sobre o que ele pode vir a ser. “Deixo o futuro para os futuros designers. O presente já é suficientemente apaixonante. O design deve dialogar com a nossa maneira de viver e com as aspirações de hoje, responder às grandes questões de nossa época, aqui e agora”, diz o francês de 41 anos.

Quando resolveu cursar a prestigiada Ensci – Les Ateliers, em Paris, Lehanneur pouco conhecia sobre a história do design. “Era virgem no assunto. Mas eu tinha a convicção de que o design era a melhor ferramenta para agir e modificar nosso mundo. Nós temos mil outras necessidades além da de se sentar.” A escola lhe ensinou a confiar em suas intuições. Seu projeto de conclusão de curso foi exemplar: eram ideias para remédios lúdicos, que tinham como objetivo engajar o usuário a seguir corretamente o tratamento. Ao invés de uma cartela de comprimidos, um antibiótico teria o formato inspirado em uma cebola, cada camada sendo uma dose. À medida que o tratamento avançasse, o remédio diminuiria de tamanho, chegando ao miolo, até desaparecer completamente – assim, o paciente saberia que a doença também estava sendo curada dentro do seu corpo. Os Objetos Terapêuticos, dez propostas no total, foram incorporados em 2001 à coleção permanente do MoMA.

De seu estúdio em Paris, junto a uma dezena de colaboradores, Lehanneur se divide entre os mais diversos projetos. Recentemente, em parceria com David Edwards, um professor de bioengenharia de Harvard, criou o café ArtScience, em Cambridge, Massachussetts, um local de encontro para cientistas, estudantes e empresários de start-ups. Ainda no desenho estão outros dois projetos de interiores: o novo café do Museu do Louvre e o retrofit do Grand Palais, ambos em Paris. Em 2015, Lehanneur foi eleito novo diretor criativo da empresa chinesa Huawei, uma das gigantes de smartphones no mundo, e apresentou, durante a COP 21 – Conferência sobre Mudanças Climáticas da ONU, uma linha de mobiliário urbano que integra as últimas inovações em matéria de painéis solares. Está trabalhando também em uma bicicleta elétrica dobrável e em um barco de motor híbrido. Confira, a seguir, mais da conversa que a Bamboo teve com ele.

Bamboo Os Objetos Terapêuticos já indicavam os caminhos que você iria perseguir como designer. Por que resolveu repensar os medicamentos?

Mathieu Lehanneur No mundo inteiro, um entre dois remédios não é tomado corretamente. Isso significa que na metade dos casos o tratamento prescrito não é otimizado. Remédios são tomados em exagero, ou de maneira insuficiente, irregular... A indústria farmacêutica fez nas últimas décadas progressos consideráveis na eficácia das moléculas, mas se esqueceu do ponto mais importante: o paciente. Se o paciente não entende ou não acredita no seu tratamento, então ele não o segue corretamente. Parti dessa constatação para repensar a maneira de conceber os remédios em relação à forma, mensagem e ritual de uso. O objetivo é fazer do paciente um verdadeiro aliado da sua cura. O projeto tomou a forma de dez medicamentos bem diferentes e a inspiração veio da maneira como convivemos com eles no cotidiano.

B Esse projeto é um exemplo de como o design pode intervir em áreas que tradicionalmente não são as do design, tendo em vista a melhoria da vida das pessoas. Pensando nisso, quais outras de suas criações são importantes?

ML Penso por exemplo no Demain Est un Autre Jour (“amanhã é um outro dia”), feito para o serviço de cuidados paliativos de um grande hospital de Paris [o Hôpital Diaconesses]. O monitor transmite em cada quarto uma visão realista e em movimento de como será o céu do dia seguinte, em qualquer lugar do planeta. Se sua família vive em São Paulo e você está hospitalizado em Paris, você estará em contato com o céu daqueles que ama, e saberá sempre como será o amanhã... mesmo se você não estiver mais vivo para ver esse céu.

Também me lembro do Andrea, um purificador de ar que usa plantas em seu interior. É um produto que trata de maneira natural, doméstica e muito eficaz os problemas de poluição interior. O final da vida, a saúde, a respiração, o bem-estar, o sono e o amor são a prova de que nós temos mil outras necessidades que não apenas a de se sentar, e que o design deve se interessar por todas elas!

B Com a recente projeção do arquiteto chileno Alejandro Aravena, vemos o reconhecimento de uma arquitetura que se preocupa com as questões sociais. Como você enxerga a questão social no design? A acessibilidade é uma preocupação na sua prática?

ML No design ou na arquitetura, a forma não é nada mais que um meio de dar forma a ideias. Victor Hugo dizia: “A forma é o fundo que remonta à superfície”. Um design sem fundo é apenas uma forma vazia, sem alma, sem uso. As únicas verdadeiras questões são por que e para quem. Começo sempre um projeto imaginando uma pessoa; eu imito suas mãos e sua vida para imaginar o objeto ou produto que devo criar para ela. Finalmente, dou forma à sua necessidade... É evidentemente um ato social.

Há alguns anos instalei na Champs-Elysées uma estação de wi-fi gratuito para os turistas. A instalação era também um local de encontro, de descanso, e oferecia informações práticas sobre a cidade, sua história e seu transporte. No fim das contas, a função do wi-fi gratuito ficou acessória, porque turistas e parisienses vinham para muitos outros usos.

B Poderia nos contar sobre suas reflexões recentes sobre o ser humano? Como o design pode responder aos desejos do homem contemporâneo?

ML É preciso se interessar de perto pelas descobertas recentes sobre o funcionamento do cérebro humano. Ele é o órgão principal do nosso corpo e, paradoxalmente, o menos conhecido. O design focou por muito tempo a ergonomia, ou seja, a maneira de responder o melhor possível aos nossos corpos, por isso acredito que está na hora de inventar uma ergonomia do cérebro! Agora que começamos a entender como nosso cérebro percebe, compreende e age, abrimos um novo território de exploração para o design, um design decididamente humano.

Veja mais
mathieulehanneur.fr

Projetos com alma
Da esquerda para a direita, estação de wi-fi instalada na Champs-Elysées; purificador de ar Andrea (2009), que usa plantas como parte de seu funcionamento; The Island (2011), um difusor de minerais a partir da microfiltração de água do mar; projetos para medicamentos Objets Thérapeutics (2001); o aparelho Demain Est un Autre Jour (2013), usado em um hospital parisiense; e luminária urbana Clover (2015), que emprega as últimas tecnologias de painéis solares.